

Índios se recusam a participar das festas do descobrimento, para não parecer que está tudo bem, e decidem se unir aos sem-terra numa marcha de protesto a Porto Seguro



Carlos Marés, presidente da Funai, alerta cacique Carajá que líderes estarão perdidos se começarem a provocar "briga de índio com índio"

UNS CONTRA, POUCCOS A FAVOR

Marcos Savini
Enviado especial

Porto Seguro — Depois de um dia tenso na Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, encerrada ontem nesta cidade baiana, a maioria dos cerca de 3.200 índios que vieram de todo o país decidiu não encontrar-se com o presidente Fernando Henrique Cardoso durante as festas de comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil. "Se a gente participasse da festa, ficaria parecendo que está tudo bonito, que nossas terras estão todas demarcadas, que nós não somos excluídos", resume Gélson Pataxó Hã-hã-hã, da aldeia Caramuru.

Os índios estarão no centro de uma marcha que deverá reunir 10 mil manifestantes na festa dos 500 anos, partindo de Coroa Vermelha, pela manhã, em direção a Porto Seguro. O exército de três mil índios será reforçado pelos 2.500 sem-terra que estão acampados em Eunápolis, a 60 km de distância, e deverão estar partindo, às sete da manhã de hoje, para o local das comemorações.

Além disso, mais 150 ônibus chegaram com integrantes de diversas ONGs (organizações não-governamentais), boa parte delas de movimentos negros, entidades estudantis e até grupos de punks e anarquistas. A decisão dos índios de não se encontrar com Fernando Henrique causou uma divisão na Conferência, realizada a menos de um quilômetro de Coroa Vermelha.

De um lado, a maioria, que votou por não ir até o Hotel Vela Branca, na Cidade Alta (o centro histórico de Porto Seguro) para entregar a Fernando Henrique o documento final da Conferência Indígena. A partir da madrugada, eles já estarão em Coroa Vermelha, em vigília, preparando-se para a marcha de protesto aos 500 anos "da grande invasão sobre nossos territórios", como diz o manifesto.

Do outro lado, cerca de 100 índios que abandonaram a reunião e passaram a elaborar um outro documento, e que aceitaram o convite de Fernando Henrique de receber 20 lideranças indígenas no Hotel Vela Branca. Esse grupo é encabeçado pelo anfitrião da Conferência, o cacique Carajá Pataxó. Ele é o cacique dos pataxós de Coroa Vermelha, reserva indígena onde Pedro Álvares Cabral mandou rezar a primeira missa do Brasil.

Outros dois líderes dissidentes são os caciques Valmir Parin-

tintim, de Rondônia, e José Adalberto Macuxi, de Roraima. Esse trio vinha, há 20 dias, negociando com Marcelo Cordeiro, o assessor especial da Presidência da República, um encontro com Fernando Henrique.

PATAXÓ CONTRA PATAXÓ

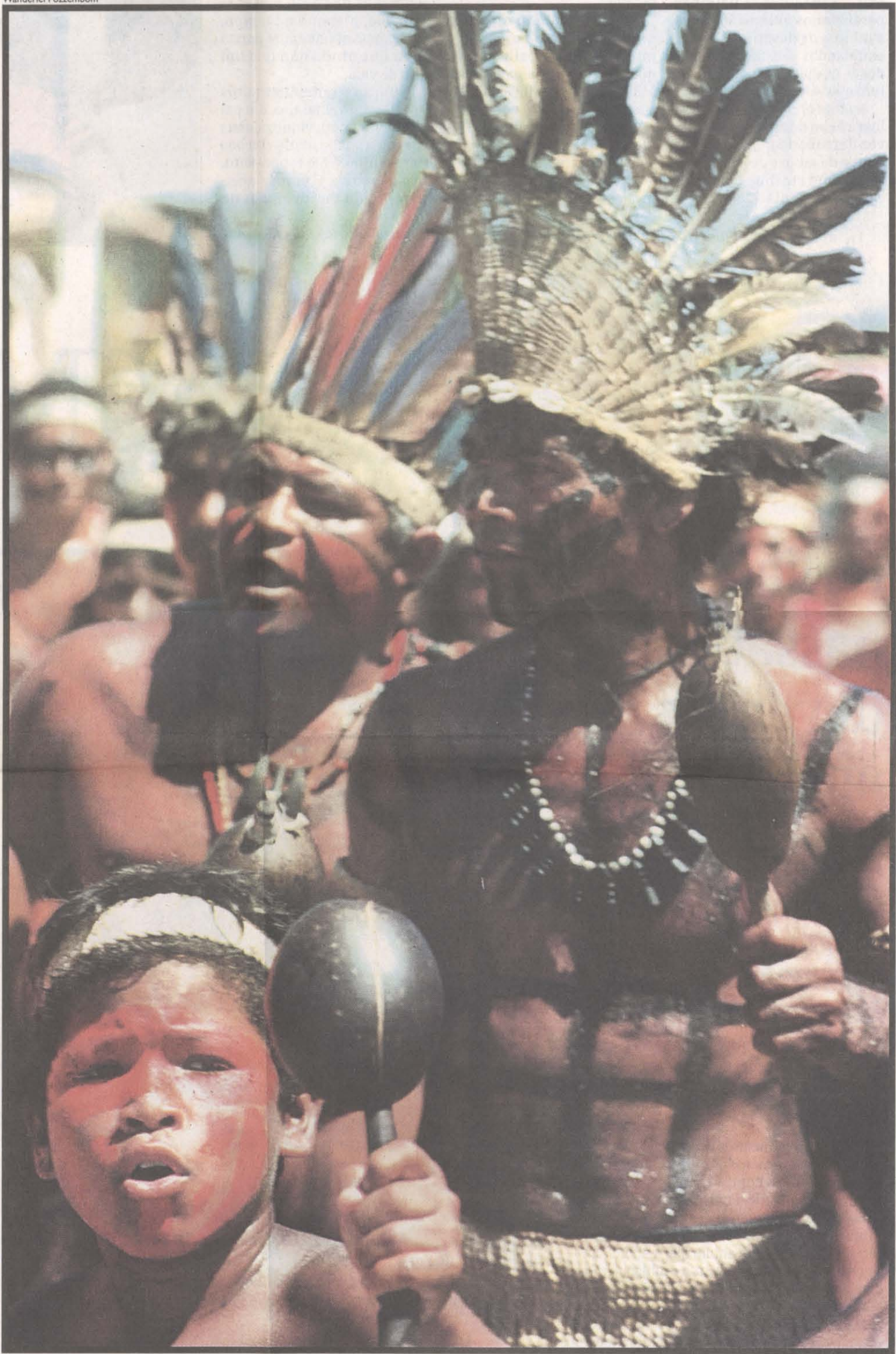
Além de boa parte dos pataxós de Coroa Vermelha (pataxós de outras regiões permaneceram na Conferência), os dissidentes são de tribos do Amazonas e do Acre. Todos têm suas terras já demarcadas e por isso não querem se indispor com o governo. No caso dos pataxós de Coroa Vermelha, a situação é ainda mais delicada. Além da demarcação de suas terras, há dois anos, eles ganharam diversos investimentos oficiais (do Ministério dos Esportes e Turismo e do governo estadual da Bahia) para as comemorações do 500 anos de descobrimento: casas de alvenaria, um shopping para a venda de artesanato e um museu. Por isso, não querem saber de briga com a turma de Fernando Henrique.

Inconformados com a decisão da maioria, e com a vaia recebida pelo cacique Carajá Pataxó, eles implantaram, por algumas horas, um "clima de terror", na definição de Paulo Maldos, assessor do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Primeiro, expulsaram os jornalistas da área da conferência — que foi uma pequena fábrica de móveis e depois da criação da reserva indígena de Coroa Vermelha virou a casa de Carajá. Na sequência, um grupo de oito índios, de óculos escuros e borduna na mão, passou a ameaçar os integrantes do Cimi.

Para acalmar os ânimos, tiveram de entrar em ação o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Marés, e o coordenador do Conselho Nacional de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Paulo Machado Guimarães. Marés lembrou ao cacique Carajá que se os líderes começarem a provocar "briga de índio com índio, estarão perdidos".

O documento final da Conferência Indígena, que deverá ser entregue a Fernando Henrique Cardoso em outra ocasião, faz uma série de exigências e propostas. Entre elas, a demarcação de todas as áreas indígenas até o final do ano, a aprovação do Estatuto dos Povos Indígenas que há nove anos tramita no Congresso Nacional, e a revogação do Decreto 1.775/96 — que regulamentou as demarcações indígenas, permitindo atrasos prolongados em áreas contestadas na Justiça.

Wanderlei Pozzembom



PINTADOS PARA A GUERRA

Desde a madrugada de ontem que os índios fazem vigília em Coroa Vermelha, prontos para protestar contra "a grande invasão"

BISPO CRITICA FESTA

São José dos Campos — O cardeal arcebispo de Aparecida, dom Aloísio Lorscheider, classificou as comemorações dos 500 anos do descobrimento como "patriotismo hipócrita". Dom Aloísio, que participou das comemorações da Páscoa ontem, reafirmou as críticas que havia feito no jornal *Santuário de Aparecida*, órgão oficial da Basílica de Aparecida, distribuído em todo o país.

O religioso afirmou que o Brasil atravessa uma fase de "circo sem pão", devido à convivência entre as desigualdades e a exclusão social e o ufanismo que envolve a data do descobrimento. A Campanha da Fraternidade deste ano, cujo tema é Dignidade Humana e Paz, tem como lema *Novo Milênio sem Exclusões*.

"A festa se justifica, mas com ela temos de dar um impulso ao país. Rever os nossos erros e acer-

tos. Não é só a igreja que tem de pedir perdão, mas toda a sociedade. Falhamos em muitos aspectos", disse dom Aloísio.

Aos 75 anos e às vésperas de se aposentar, Lorscheider conduziu a Via Sacra na Basílica de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em cerimônia que inaugurou as 14 novas estações que representam o calvário de Cristo. A obra traz imagens de grupos excluídos, como mulheres e negros, e também, de forma simbólica, crianças com armas nas mãos.

A respeito da atuação do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), o cardeal disse que ele é um dos menos culpados da situação de exclusão. "O presidente representa apenas o Poder Executivo. Maior responsabilidade sobre o que está ocorrendo têm os poderes Legislativo e Judiciário", disse. (Agência Folha)

ALERTA ANTECIPADO

Carta enviada pelo Ministério da Defesa ao governo baiano em 2 de março afirma que "cabe ao Ministério da Defesa coordenar, planejar e, se necessário, executar as ações de segurança em áreas relativas aos eventos em comemoração dos 500 anos do descobrimento". No documento, o Ministério da Defesa alega ser necessário um esquema de segurança semelhante ao que foi montado na reunião de chefes de Estado e de governos da América Latina e Caribe e da União Européia (Cimeira), realizado no ano passado no Rio de Janeiro. (Agência Folha)

OBJETOS HISTÓRICOS

Vários fragmentos de utensílios de tribos indígenas

foram encontrados no terreno do Arquivo Público Municipal de Cabralia pela equipe de arqueólogos encarregada de restaurar o prédio. O diretor Sidrach Carvalho Neto informou que, em meio às escavações, foram encontradas vasilhas, ferramentas e enfeites, entre outros objetos primitivos. "A quantidade foi tão expressiva que as pesquisas continuarão mesmo depois da comemoração dos 500 anos do Brasil", afirmou Neto.

OBRAS INACABADAS

Às vésperas dos principais eventos comemorativos dos 500 anos, pontos turísticos de Porto Seguro ainda estão em reformas, mas o prefeito da cidade, Ubaldino Júnior (PFL-BA), insiste que tudo está

pronto. Na Cidade Histórica, por exemplo, equipes da prefeitura ainda preparam a infra-estrutura necessária para atender à grande quantidade de pessoas que passará por lá neste fim de semana. Porto Seguro e as cidades próximas recebem entre 70 mil e 80 mil visitantes por mês. Durante as comemorações do descobrimento, está prevista a chegada de 50 mil pessoas, segundo a prefeitura.

SEM RESENTIMENTO

O ex-presidente de Portugal Mário Soares não vê razão para ressentimentos nos 500 anos de relação entre Brasil e Portugal. "Nós colonizamos vocês e vocês colonizaram a nós, portugueses. O estreitamento de relações está agora mais forte do que nunca. Por isso,

estamos orgulhosos e alegres com essa festa", afirmou, ontem, em Porto Seguro, onde participa das comemorações ao lado do atual presidente português, Jorge Sampaio. (Agência Folha)

DEPOIS DA FESTA

O governador da Bahia, César Borges (PFL), afirmou ontem que só deve acionar a polícia para despejar os sem-terra que ocupam a sede do Inbra em Salvador após as comemorações dos 500 anos. Já o coordenador regional do MST, Mauro Lúcio Xavier Costa, líder da ocupação, avisou: "Só desocuparemos o prédio quando o ministro Raul Jungmann (Desenvolvimento Agrário) nos atender. Do contrário, toda a responsabilidade será do ministro". (Agência Folha)